

215

ATITUDE, CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO DO PEDIATRA NO MANEJO DO ABUSO INFANTIL. *Vinícius P. Simas; Núbia S. Franzon; Kelli F. Castilhos; Letícia Feldens; Luciane O Santos; Joelza P. Mesquita; Marcelo Z. Goldani.* (Serviço de Pediatria/ HCPA e Departamento de Pediatria/ FAMED UFRGS).

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a violência infantil é um problema de saúde pública. É um fenômeno complexo que resulta da combinação de fatores individuais, familiares e sociais e que se encontra em todos os grupos sócio-econômicos, culturais, raciais e religiosos da sociedade na maioria dos países do mundo. A violência contra a criança faz parte de um contexto social que exige soluções rápidas e imediatas dos profissionais que estão comprometidos com a causa. Estes profissionais devem estar preparados tecnicamente, comprometidos e conscientes de seus próprios sentimentos e atitudes em relação ao abuso. O objetivo desse trabalho é avaliar a atitude, o conhecimento e o comportamento do pediatra no manejo do abuso infantil. Foi realizado o Projeto Piloto de um estudo transversal que realizar-se-á por um período de 12 meses tendo como a população alvo 114 pediatras de Porto Alegre. Foram selecionados 16 pediatras, para validar o questionário que será utilizado no estudo. A coleta da amostra deu-se de maneira aleatória e estratificada, considerando as diversas inserções profissionais dos pediatras em serviço privado, público e misto (informação da Sociedade de Pediatria do Rio grande do Sul). Foram considerados critérios de inclusão: ser pediatra, trabalhar em Porto Alegre, em hospitais, postos de saúde e consultórios privados. A ferramenta de pesquisa foi um questionário com questões pessoais e vinhetas com casos verídicos de abuso infantil (sem a identificação dos pacientes e profissionais envolvidos). Do total de 16 pediatras entrevistados, 6 eram mulheres e 10, homens. A média de idade foi 44,13 anos sendo a idade mínima 28 e a máxima 57 anos. A mediana da idade foi de 44,5 anos. Dez pediatras tinham filhos. Quanto à graduação, além da residência, 4 profissionais fizeram mestrado; 4, doutorado; e 5, especialização na área. A mediana de tempo de formação médica foi 20 anos. Dois médicos trabalhavam no serviço privado, 11 no serviço público e privado, e 3 no serviço público. Seis deles já tiveram algum treinamento em Abuso Infantil. Esses profissionais responderam questões sobre casos verídicos de abuso infantil e sobre sua atitude frente à violência contra a criança. As 19 perguntas eram pontuadas de acordo com a escala de Lickert. A média de pontuação feita pelos pediatras foi de 79,73 pontos (máximo=95 pontos) totalizando 83,92% de acertos. Um médico referiu não conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente. Dois pediatras já foram intimados como testemunha de defesa de alguma criança vítima, sendo que todos já haviam atendido algum caso de abuso durante o exercício da profissão. Oito médicos já se sentiram emocionalmente ligados a algum caso atendido. Cinco pediatras relataram medo de serem processados por suspeitar que uma criança está sendo vítima de abuso. Conclui-se que, apesar de todos entrevistados já terem tido contato com algum caso de abuso durante sua profissão, continuam as dúvidas quanto ao diagnóstico e procedimento nessas situações. Podem ser fatores relacionados e que prejudicam a conduta do profissional nessas situações a experiência pessoal de abuso, a falta de conhecimento sobre o assunto, a estrutura do Sistema de Saúde atual, entre outros. Certamente o treinamento desses profissionais seria de grande valia, pois assunto exige medidas rápidas a fim de diminuir os danos que a violência acarreta no crescimento e desenvolvimento das crianças.